



<https://doi.org/10.51880/ho.v24i2.1236>



“Seja plural, para se tornar singular!”: as memórias de lutas de Januário Garcia através das suas fotografias

Marcus Vinicius de Oliveira*

ORCID iD 0000-0001-7529-0143

Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em História, Niterói, Brasil

Resumo: Em dezembro de 2019, o fotógrafo Januário Garcia (1943-2021) concedeu uma entrevista pública no fórum anual *Uma agenda para a fotografia*. Em sua entrevista, o fotógrafo apresentou um portfólio de seu trabalho e teceu um fio de memória em torno das imagens fotográficas selecionadas, o qual também foi sendo tecido com as perguntas do público presente no Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, no Rio de Janeiro. Ao longo da entrevista Garcia abordou sua formação profissional, o início da carreira, seus trabalhos e sua luta contra o racismo. A publicação dessa entrevista é uma oportunidade única de observar como o fotógrafo organizou seu trabalho em uma série visual.

Palavras-chave: Prática fotográfica. Memória. Luta contra o racismo.

“Be plural to become singular!”: memories of fight from Januário Garcia through his photographs

Abstract: In December 2019, the photographer Januário Garcia (1943-2021) gave a public interview in the annual forum *Uma agenda para a Fotografia*. In his interview, the photographer showed a portfolio of his work and built a thread of memory around selected photographs as well as related issues raised by the public that was at Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, in Rio de Janeiro. Throughout the interview, Garcia approached his professional background, the beginning of his career, his works, and his fight against racism. The publication of this interview is a unique opportunity to observe how the photographer organized his work into a visual series.

Keywords: Photographic practice. Memory. Fight against racism.

* Doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com orientação da Profa. Dra. Ana Maria Mauad. E-mail: marcusoliveira93@gmail.com.

Apresentação

Nos dias 12 e 13 de dezembro de 2019, ocorreu mais uma edição do fórum anual *Uma agenda para a fotografia*, organizado pelo Grupo de Trabalho (GT) Cultura Visual, Imagem e História da Associação Nacional de História, seção Rio de Janeiro (ANPUH/RJ) e pelo Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI) da Universidade Federal Fluminense (UFF). A edição, nomeada de "Fotografia em movimento(s)", debruçou-se em diferentes assuntos como as práticas de fotografia popular, as produções fotográficas de diferentes territórios, populações e manifestações culturais, a interface entre fotografia e memória, assim como a prática educativa e denúncias sociais por meio da fotografia. Questões que pautaram as duas sessões orientadas pelos relatos de experiências de projetos como o Fotoativa, de Belém, Pará, e do coletivo Mão na Lata, do Rio de Janeiro, e a entrevista pública realizada com o fotógrafo Januário Garcia (1943-2021), aqui publicada.

"Seja plural para se tornar singular!" foi a frase que a mãe de Januário Garcia lhe disse quando criança (Bispo, 2016). Esse ensinamento foi lembrado em diversas entrevistas que concedeu ao longo de sua vida quando abordou sua carreira profissional ou mesmo na organização do portfólio apresentado no início da entrevista pública. Sua versatilidade profissional foi apresentada a partir de uma série fotográfica selecionada pelo próprio fotógrafo, o que confere uma singularidade para o documento a seguir, uma vez que as imagens fotográficas dispararam suas memórias e teceram sua luta antirracista nas diferentes áreas de atuação.

Januário Garcia foi um fotógrafo com larga experiência em diversas áreas da fotografia. Além de trabalhar com o fotógrafo Georges Racz e substituí-lo em seu curso de fotografia no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-Rio) na década de 1970, Garcia atuou também como fotojornalista *freelancer* para jornais, como: *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *O Dia*, *A Tribuna*; e revistas, como: *Manchete*, *Fatos & Fotos* e a *Revista da Unesco*. Trabalhou para grandes agências de publicidade do Rio de Janeiro e produziu diversas capas de discos de artistas brasileiros que inscreveram seu nome na história da música, dentre eles podemos destacar: Tom Jobim, Caetano Veloso, Chico Buarque, Fagner, Belchior, Fafá de Belém, Leci Brandão, Raul Seixas e Edu Lobo.

Fotógrafo, mas também militante no Movimento Negro brasileiro, registrou, desde 1976, seus eventos e suas ações. A vasta documentação fotográfica da presença da população negra no Brasil integra o seu acervo, com parte publicada no livro *1980/2005 – 25 anos do Movimento Negro no Brasil* (2008). Seus registros da população negra da diáspora não se limitaram ao Brasil. Garcia documentou populações negras nas Américas, no continente africano e no Oriente Médio, como nos relata nessa entrevista pública. A sua missão autointitulada de documentação da população negra estava diretamente relacionada ao tripé que estruturava sua prática fotográfica: "o resgate da dignidade, o desenvolvimento da autoestima e a construção de uma cidadania plena".

Januário Garcia faz parte de uma geração de fotógrafos que, ao dominarem o dispositivo fotográfico, articulou seu arco de atuação social a um projeto pessoal, no seu caso, a luta contra o racismo. Sua produção fotográfica buscou produzir uma outra imagem das populações negras, que valorizasse suas agências, seus valores, suas culturas, enfim, que apresentasse sua dignidade de sujeito social. A construção da cidadania plena, como defende Januário Garcia, se processa justamente pela elaboração de uma visualidade poderosa e ativa para a população negra, em combate constante ao racismo estrutural.

As imagens fotográficas apresentam o fotógrafo e instigam o espectador a explorar a dimensão visual organizada naquela sequência. As fotografias integram uma arena de disputas de sentido que marcam a elaboração das memórias do fotógrafo. Suas produções ativas de significados por meio da imagem fotográfica apontam tanto para a possibilidade de construção de uma história fotográfica (Mauad, 2016), quanto para a compreensão de que os combates pelo fato também perpassam por dinâmicas do olhar (Knauss, 2016). Nesse sentido, a entrevista pública permite ao leitor observar como o visual se tornou o espaço de elaboração do sentido do passado, mas também a força para o dismantelamento do racismo, não é à toa que Garcia reafirma a importância do seu trabalho ser conhecido, acessado e trabalhado por todos empenhados na construção de uma sociedade antirracista.

Os seus trabalhos de fotojornalismo, fotodocumentarismo, propaganda e artístico compõe uma trajetória que integrou também a fotografia dentro da luta negra, principalmente colocando a necessidade de construção de outras visualidades sobre a população negra da diáspora e do continente africano. O olhar de dentro, ou seja, de um sujeito racializado em uma sociedade racista, permitiu ao fotógrafo ter outra postura diante da situação captada em suas lentes, colocando-a não mais próxima aquele estereótipo “etnográfico”, “exótico” ou mesmo de submissão, mas sim como sujeito de sua própria história, capaz de mobilizar uma força poderosa de combate às estruturas racistas. Além disso, as suas imagens visuais compõem um repertório visual diferenciado de documentação da população negra, uma vez que a identificação do sujeito fotografado com o fotógrafo promoveu olhares que falam e permitem acessar as experiências históricas dos corpos registrados em suas lentes.

Para Garcia, a fotografia, como parte da luta negra, além de ser essa memória viva, era também a história do seu tempo, um tempo de luta (Bispo, 2016). Ao longo da entrevista, pode-se compreender como ele operou a imagem fotográfica em seu tempo de luta. Essa observação é importante porque permite explorar como fotógrafas e fotógrafos negros usaram o dispositivo como um instrumento na luta antirracista, seja ao promover outras formas de documentação visual da população negra e de suas manifestações, seja documentando a sua organização política, cotidiana e elaborando em fragmentos fotográficos a sua dignidade em uma sociedade racista.

A entrevista aqui publicada, portanto, se torna uma importante fonte para a

compreensão de como a fotografia foi também um espaço de ação antirracista. Garcia nos convoca a enfrentar o racismo para construir uma sociedade efetivamente democrática e constroi imagens fotográficas poderosas que são tanto espaços para denúncias do racismo, quanto o lócus da ação política empenhada em desmantelá-lo. Por meio da imagem fotográfica, o fotógrafo atua nessa sociedade que nega a existência do racismo, indica sua permanência, demarca a necessidade fundamental de sua mudança radical e a inscreve na cultura visual.

Januário Garcia nos brinda com essa ação quando percorre os territórios da diáspora africana e os países do continente africano com sua máquina fotográfica e capta os olhares, as atitudes, as manifestações e os sentimentos daqueles diante de sua lente. Essa postura diferenciada chama a atenção quando observamos os olhares dos retratados no morro do Salgueiro, no Rio de Janeiro, as cenas captadas no Harlem, em Nova Iorque, a sequência fotográfica dos Tuaregues, no deserto Saara, o seminário dos Coptas, em Jerusalém, ou uma festa na Nigéria. Todas as cenas foram selecionadas pelo fotógrafo para compor a narrativa visual que disparou sua entrevista pública. Suas lembranças, apoiadas em imagens que projetou na ocasião dessa entrevista, tecem o fio de uma memória de lutas e nos convocam a ter uma postura ativa diante do enfrentamento ao racismo.

A projeção do portfólio com as imagens que escolheu para compor o seu processo de rememoração cobre a primeira parte de sua entrevista pública. Mantivemos as referências que fez às imagens para garantir a integridade de uma narrativa orientada por sua prática fotográfica. Infelizmente, a projeção não pode ser recuperada nos arquivos do fotógrafo.

Entrevista pública¹

Marcus Oliveira – Boa tarde a todos! Iniciamos agora a entrevista pública com o fotógrafo Januário Garcia. A presença do Januário, hoje aqui, nesse debate sobre fotografia popular, tem a ver com a potência da sua prática fotográfica para vários jovens de periferias, iguais a mim. Portanto, é com grande alegria que recebemos um fotógrafo tão importante na fotografia brasileira. Muito obrigado! Com a palavra Januário Garcia.

Januário Garcia [contando sobre as imagens projetadas] – Muito bem, esse senhor é o bisneto... na verdade neto de um ex-escravo que eu fotografei na cidade de Macuco, no interior do Estado do Rio de Janeiro... Essa fotografia foi uma peça teatral, em Salvador

¹ Transcrição de Paula de Moraes e edição de Marcus Vinicius de Oliveira.

e a foto integrou o cartaz da divulgação. Essa é a Folia de Reis daqui do Rio de Janeiro, na Cinelândia. Essa foto data dos anos 1980. Essa cena foi em um presídio que estava abandonado em Salvador. Esse rapaz é um artista performático e eu o convidei para fazer um ensaio dentro desse presídio. Uma das fotos que eu fiz foi essa... Aqui se inicia uma série de fotos da mobilização do movimento negro, na luta contra o racismo da década de 1970, 1980 e 1990. Nessa foto, estamos em frente ao consulado da África do Sul, no dia em que nós queimamos a bandeira da África do Sul em protesto à prisão do Mandela... Essa é Lélia Gonzalez, uma das mais importantes mulheres da luta negra no Brasil, discursando no dia 20 de Novembro na Cinelândia, nas escadarias da Câmara Municipal. Essa foi em 1988, a Marcha da Farsa da Abolição. Em 1988, se comemorou os 100 anos da abolição e o governo preparou uma grande festa, e nós, do movimento negro, chegamos à conclusão que teríamos que fazer a nossa festa denunciando que não houve abolição nenhuma, então fizemos uma marcha 'Nada mudou, vamos mudar'. Foi a primeira vez que o exército e a polícia militar saiu às ruas para impedir uma marcha da gente... Vocês vão ver – aqui à direita – todos esses policiais militares que estão ali na esquina da Avenida Rio Branco com a Avenida Presidente Vargas, eles vão até a Biblioteca Pública nos impedindo de querer andar, mas mesmo assim não conseguiram. Nesse momento teve o grito 'vamos andar e vamos marchar até onde o racismo do exército permitir' e fomos em frente. Outro aspecto da marcha. Aqui, eles estavam nos esperando na Biblioteca Pública, na Av. Presidente Vargas, para nos impedir, para não avançarmos mais. Isso foi o dia em que os todos negros do Rio de Janeiro se mobilizaram para ir para a Marquês da Sapucaí saudar Nelson Mandela, quando ele veio ao Brasil. Essa também faz parte da marcha, aqui vocês podem ver mais de perto os soldados e como eles estavam nos cercando.²

Isso foi em Salvador. Salvador tem uma tradição de você nunca encontrar um bar que venda um cafezinho. Eles vendem cafezinho nessas garrafas térmicas em caminhãozinhos andando pelas ruas. Esse é o tradicional pipoqueiro da praça, e os aposentados também da praça. Agora eu começo uma série de retratos de negros e alguns cantores também fotografei. Aqui começa a seção de fotografia de cor. Isso é uma festa que tem na Bahia, que chama passeata do Axé. Aqui é a Passeata das Flores. Aqui é no Valongo... Uma baiana em Salvador. Aqui é na Colômbia. Enquanto, no Brasil, nós temos as baianas do acarajé, na Colômbia, as mulheres negras são cocadeiras e elas saem pelas ruas com essas bacias vendendo cocadas... Duas militantes do movimento negro do Rio de Janeiro. O menino da colher. Essa é uma senhora cubana que eu pedi para tirar uma foto dela em Cuba, e ela perguntou por que eu queria tirar. Eu disse: 'Porque vim do Brasil e te achei muito bonita'. 'Ah! Você é brasileiro? Então

² O itinerário da Marcha a que Januário se refere percorreu a principal avenida do centro do Rio de Janeiro, a Av. Presidente Vargas, do início, na Candelária, até quase o final, na altura da Estação Central do Brasil, que fica de frente para o Sambódromo. O percurso cobriu cerca de dois quilômetros de extensão.

pode tirar...'. Isso foi no Rio+20 que eu fotografei esses dois nativos. Aqui eu estou em Jerusalém... Em Jerusalém, eu fui conversar com os Coptas. Os Coptas são cristãos e eles se consideram descendentes do Rei Baltazar. Eles estão há dois mil anos tomando conta do santo sepulcro, em Jerusalém... Na fotografia, é o seminário onde eles vivem, mas não se pode entrar, como eu conhecia a história deles e conversei com esse moço que é o responsável pela entrada, ele foi conversar com o chefão e eles me permitiram entrar dizendo que 'era muito difícil, mas vão deixar você entrar porque você conhece a nossa história e você é nosso irmão.' Eu pude entrar e fotografei. Esse é o grande chefe dos Coptas em Jerusalém. Aqui eu já estou no Níger, já na região subsaariana do Níger, já saindo... Quase no Saara, eu tive a oportunidade de encontrar os tuaregues, os homens de turbantes azuis. Eles iam para um desfile e eu perguntei se eu podia fotografá-los. Eles permitiram e eu pude fazer esses retratos. Aqui eu estou na Nigéria. Essa fotografia é uma festa que aconteceu e eu fotografei um desfile dessa festa... Isso faz parte da religião Jeje. São os chamados eguns, o culto da morte, que é um dos cultos que têm dentro do candomblé. Essa cena eu fotografei no Peru. Essa é a original Santa Efigênia que veio da Etiópia. Na América do Sul só tem três Santas Efigênias originais: essa no Peru, outra na Venezuela e a terceira está aqui, em Ouro Preto. Esse é São Benités, que nas comunidades da América do Sul é muito cultuado e, aqui, chamamos de São Benedito. Nessa fotografia, eu estou no Harlem, em Nova York. Aqui é Israel. Eu passei oito meses entre a Palestina e Israel fotografando o conflito Israel-Palestina e a intifada. Os soldados de Israel... Como eu era credenciado como correspondente de guerra, eu tive a autorização para entrar nos quartéis para poder fotografar. Se vocês veem essas duas meninas aqui, verão que são soldados, a maioria dos jovens em Israel anda armada. Essa é a fotografia de um casal de namorados namorando. Aqui é o muro das lamentações. O lugar mais sagrado para os judeus. Eu tive sorte de ver um rabino, um soldado e um cidadão comum, todos os três no mesmo espaço orando, talvez por diferentes motivos. Nessa fotografia, eu já estou na Palestina... Os locais chamam de *check in point*, onde de manhã cedo passam os palestinos para irem trabalhar em Israel.... Vocês estão vendo essas torres? Qualquer um que tiver qualquer objeto de metal essas torres avisam e quando elas apitam todo mundo tem que deitar no chão e passar por uma revista de um por um para ver se tem alguém com alguma coisa de metal, alguma bomba, um sufoco... Na ocasião que eu estava lá foi aquela ocasião que mandaram um míssil para casa de uma autoridade israelense e ele tinha saído cinco minutos antes. O míssil bateu e ficou desse jeito. Os jovens quando vão para a escola, na Palestina, só podem andar em grupos assim. Ninguém pode andar sozinho ou desgarrado, todo mundo tem que ir juntinho para escola, assim. Essa foto é interessante... Foi quando eu estava fazendo Europa a dez mil metros de altura no avião. Ele estava exatamente atravessando a linha do Equador, então a gente vê do lado de cá o hemisfério sul que a noite já chegou e do lado de lá a gente está vendo o hemisfério norte que o dia chegou. Essa foto é uma praia em Cartagena, na Colômbia. Uma tarde, eu estava lá

fotografando, passei por essas mesas, cadeiras, essas garrafas e achei muito interessante. Isso foi o amanhecer em Capão da Canoa, litoral norte do Rio Grande do Sul, esse “v” daqui do início é a luz da vila dos poços e essas ondas que vocês estão vendo aí é o mar e lá no final o sol. Isso foi por volta de quatro e meia da manhã. Essa foto é um baobá que eu fotografei no amanhecer em uma savana onde tem uma floresta de baobá no Senegal. Aqui é o Arco do Triunfo em Paris. Agora são folders de exposições que eu já realizei. Isso foi no Rio de Janeiro, casa Lauro Alvim. Essa em Brasília. No Rio, no Museu da Imagem e do Som, em 1968, que fizemos essa exposição com fotos do Augusto Malta e minhas fotos: “Imagens do negro no Rio de Janeiro”. Essa foi de um projeto na cidade de Salvador. Eu apresentei a exposição com os trabalhos de Cristiano Júnior, que é um fotógrafo português que morou aqui no Rio de Janeiro e teve um estúdio aqui na rua da Quitanda. Ele fotografava os escravos e fazia cartões postais e eu fotografei o morro do Salgueiro. Eu juntei as duas para fazer a exposição. Essa foi uma exposição que eu realizei na Assembleia geral da ONU [Organização das Nações Unidas], em 2004, no ano internacional da africanidade. Eles escolheram o meu trabalho para ser o trabalho do ano na assembleia geral da ONU... Eu participei com meu material no festival das divindades negras dessa cidade, que é a antiga capital do reino do Daomé. Eu fui apresentar a diáspora africana do Atlântico, no Togo, na África. Essa menina é da Colômbia, quando eu fui apresentar esse trabalho no Museu das Civilizações Interétnicas. Esse é um cartaz de um festival de vídeo que usou duas fotos minhas. Esse foi um trabalho que fiz sobre as capas do Jobim. Porque eu fiz várias capas do Jobim e eu fiz uma exposição sobre ele em Bruxelas. Depois eu fiz uma exposição dele no Instituto Jobim, no Jardim Botânico, com autorização da família. Esses são os livros editados por mim, o primeiro é sobre os 25 anos do movimento negro brasileiro. Esses são das histórias dos quilombos, a história dos remanescentes quilombos no estado do Rio de Janeiro e esse tem o título Diásporas africanas na América do Sul: uma ponte sobre o Atlântico. Eu fotografei as comunidades negras da Venezuela, Uruguai, Suriname, Peru, Colômbia, daqui do Brasil e da Argentina. Ai são algumas das capas de disco que eu fiz de artistas brasileiros: Belchior, Caetano, Chico, Fafá, Leci, Fagner, Raul Seixas, Roberto, Raimundo Sodré.... São essas fotos que separei para vocês. [aplausos].

Thaís Rocha – Boa tarde, queria saber o que te levou à fotografia, ao ofício da fotografia? Por que a fotografia? Se você é autodidata? Como foi a sua formação com a fotografia? E também, se você tinha alguma referência de outros fotógrafos quando você começou e o que você tem feito fotograficamente atualmente? Acho que é isso.

Januário Garcia – Bem, vamos por partes... A fotografia entrou na minha vida muito cedo, mas muito cedo mesmo. A minha mãe era filha de índio e eu fui descobrir quando fiz meu DNA por parte de mãe que constatou que ela era índia mesmo. Ela

não sabia ler nem escrever, era analfabeta mesmo. A gente até dizia para ela: 'mãe, você não sabe fazer um 'o' com ponto como é que você quer chamar a atenção?' Morava uma professora do lado lá de casa, em Belo Horizonte, e eu com quatro anos já comecei a aprender a ler com essa professora. Tanto é que quando eu entrei na escola no primeiro ano eu já sabia ler, escrever e fazer as operações básicas. Agora, qual era a razão para a minha mãe colocar a gente tão cedo para estudar? Nós íamos para a cidade com ela e tínhamos que ler o número do ônibus, o número da lotação, o nome da rua, essas coisas que ela precisava da nossa leitura. Nessas alturas aconteceu que um belo dia caiu na minha mão uma revista chamada *Tico-Tico*, uma revista infantil, e essa revista mostrava como você podia fazer um projetor de imagem. Ele era uma caixa pequenina com uma lâmpada dentro com um buraquinho, onde a luz passava pela imagem para ir para a parede. Essa parte elétrica eu não sabia fazer, então pedi um técnico para fazer pra mim e ele fez. Agora é interessante que para você obter a projeção de imagem era necessário abrir aquelas lâmpadas transparentes de antigamente, quebrar o miolo dela, tirar todo o miolo e encher de água para colocar na frente do fotograma. A luz colocava num grampo e procurava distancia focal certa para ela projetar para a gente. Foi assim que eu comecei a trabalhar com imagem, tinha sete anos de idade. E o tempo foi passando, o tempo foi passando, passando, e eu tive uns problemas familiares muito sérios. Quer dizer, eu tenho que falar para vocês poderem entender isso...

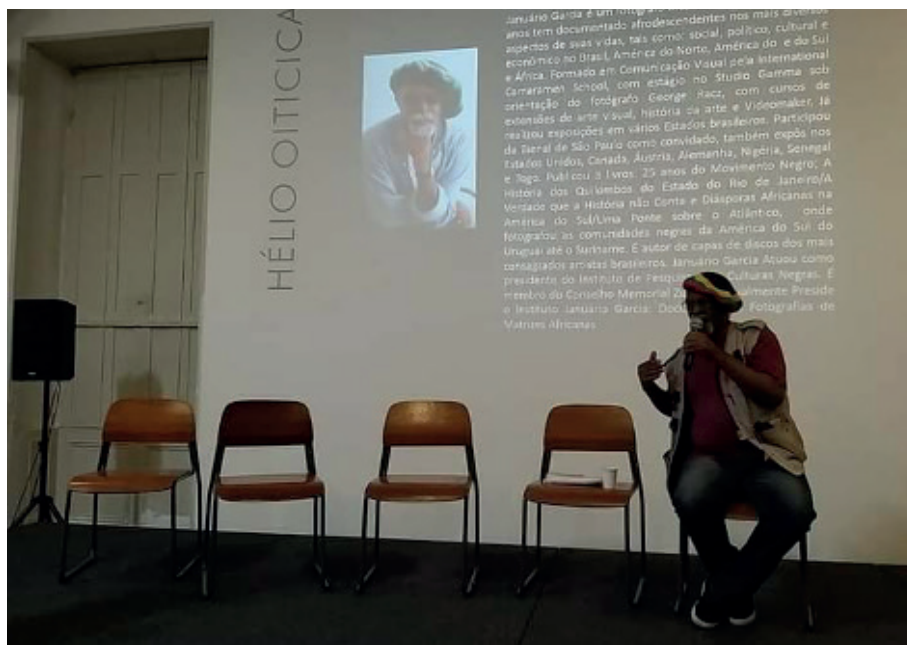


Imagem 1 – O fotógrafo Januário Garcia na entrevista pública realizada no fórum anual *Uma agenda para a fotografia*, em 12 de dezembro de 2019. Foto: Marcus Oliveira. Acervo do LABHOI/UFF.



Imagem 2 – O fotógrafo Januário Garcia na entrevista pública realizada no fórum anual *Uma agenda para a fotografia*, em 12 de dezembro de 2019. Foto: Marina Marins. Acervo do LABHOI/UFF.

Marcus Oliveira – Pode falar, se quiser...

Januário Garcia – A minha mãe e meu pai morreram cedo. Na morte do meu pai, eu tinha cinco anos, e da minha mãe, eu tinha nove anos de idade. Depois disso, eu tive que ir morar com uma tia minha, que eu não gostava, porque ela batia nos filhos dela. Eu tenho muitos irmãos e cada um teve que ir para a casa de um tio. Eu não queria ir para a casa dessa tia e a gente morava em um bairro de Belo Horizonte, que era terminal de carga da estação de trens Central do Brasil. Um dia eu estava andando pelo trilho e entrei no trem. O trem foi andando e eu dentro. Sabe onde o trem parou? Em Engenho de Dentro e não tinha ninguém. Ele parou em Engenho de Dentro, eu via aquela porta do vagão cheia, mas o trem começou a voltar. Mais tarde, eu entendi que ele estava voltando para ir para o matadouro da Santa Cruz. Mas quando eu vi isso, eu fiquei todo atolado ali na direção das pessoas vindo para mim e eu saltei. Fui para a plataforma, peguei outro trem e saltei na Central do Brasil. Eu comecei a ler as placas dos carros e vi que estava no Rio de Janeiro. Eu fiquei nas ruas andando, estava na rua e sabia que estava na rua, mas eu tinha certeza que não era menino de rua.

Mais tarde eu fui para o reformatório, o antigo SAM [Serviço de Assistência a Menores], serviço que depois foi chamado de FEBEM [Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor]. Lá foi a minha sorte porque um dia, eu estava grande, já com uns

dezesete anos e já estava na rua desde os dez, doze anos por aí. No SAM, chegou uma turma do exército e me mandou junto com outros jovens passar por uma determinada altura, que selecionava você para ser voluntário paraquedista. Eu fui selecionado para a tropa de paraquedista, mas eu não tinha a minha certidão de nascimento. Eu sai de casa sem levar certidão de nascimento. Eu havia passado em todas as provas para paraquedista e precisava da certidão. O exército, através da circunscrição do exército em Minas Gerais, conseguiu minha certidão de nascimento e eu entrei para o exército. No exército, eu pude completar o meu primeiro ciclo... Era uma coisa muito louca, porque eu tinha que fazer de manhã o meu curso de paraquedista, à tarde, o curso de recruta de soldado, e à noite terminar o primário. Eu consegui fazer tudo. Voltando a história, um soldado paraquedista é um soldado profissional. Um soldado que ganha mais que qualquer outro soldado, pelo risco que ele corre em saltar de avião... Para ter uma ideia hoje, mais ou menos, um soldado que serve de recruta no exército deve está ganhando um salário mínimo ou um salário mínimo e meio no máximo. Um soldado paraquedista, hoje, deve estar ganhando de oito a nove mil reais por mês em função das gratificações que ele recebe pela função. Porém, quando você entra para o exército, você recebe como soldado comum. Porque você ainda não tem o dever de paraquedista, não é o seu cargo definitivo, agora quando você faz todos os testes, dá os cinco saltos, é chamado para a cerimônia, recebe o seu cargo de paraquedista e o diploma de paraquedista, naquele dia você vai no caixa e você recebe desde janeiro até abril como se tivesse sido paraquedista.

Com isso, eu recebi uma bolada de dinheiro. É interessante que o pessoal da Caixa Econômica ficava feliz esperando você: 'Vamos depositar, vamos depositar', e eu falei: 'Isso aqui eu vou comprar uma máquina fotográfica'. A primeira máquina que eu comprei foi uma Olympus 30x35. Não sei se vocês se lembram, mas ela tinha um negócio que a gente fazia de fotografia que olha assim nos slidezinhos...

Então, o que que eu fazia, quando eu ia saltar... Todo paraquedista tem que saltar. No avião, você salta por equipe e por avião deve ter três equipes. Dez de um lado, dez de outro é uma equipe. Dez de um lado, dez de outro e por assim vai... Eu estava rente assim do chão, todo mundo já tinha ficado formado, e eu chegava para os sargento e dizia assim: 'Sargento, será que o senhor permitiria eu saltar primeiro que todo mundo? Ser o primeiro da equipe?', ele dizia 'Por que, se você está lá no meio?'. 'Porque eu queria fazer umas fotos do alto para o pessoal'. 'Ah, está bom!'. 'Vai lá 8-80. Ele vai saltar primeiro! Vai lá para trás'. Eu chegava lá em cima: 'click'... Como eu saltava primeiro, enquanto todo mundo descia, meu paraquedas já estava aberto, e eu 'está bom', 'está bem' e tcháchá, 'eu tô aqui', 'vamos embora'... Quando eu chegava no chão, todo mundo queria uma cópia. E assim a fotografia entrou na minha vida e ela foi assim a minha vida inteira. Mas eu queria mais um pouco além disso. Eu sabia perfeitamente as dificuldades que eu teria sendo um homem negro. Eu sabia das dificuldades que eu teria na sociedade brasileira para ser um fotógrafo, do jeito que eu queria ser. Então,

eu tinha que me preparar muito bem. A primeira coisa que eu fiz foi estudar inglês. Porque eu sabia que os livros, os filmes, as bulas dos filmes de revelações estavam todas em inglês. A segunda coisa que eu fiz foi fazer um curso com o professor Mário Barata, um curso sobre a História da Arte, no Museu Nacional de Belas Artes, para eu entender perfeitamente como era a questão da Musa, da forma, a questão da estética. E foi assim que eu fui crescendo na fotografia, dessa forma. E aí tinha as minhas referências de fotógrafos, não só no Brasil como no exterior...

Ana Mauad – Januário, eu sei que não é uma pergunta muito gentil, mas eu quero saber quando você nasceu só para a gente ter uma ideia.

Januário Garcia – Eu tenho 76 anos.

Ana Mauad – Então, você entra para o exército com dezoito anos, mais ou menos?

Januário Garcia – Década de 1960...

Ana Mauad – E quanto tempo você fica no exército?

Januário Garcia – Eu fiquei no exército por três anos e pouco, porque eu completei os meus estudos de primeiro grau, em seguida o comandante disse que a gente tinha que fazer um curso chamado madureza, que era um curso do Artigo 99. O primeiro ciclo desse curso durava um ano. Eu fui fazer esse curso, quando eu estava fazendo esse curso, eu fui indicado a cabo paraquedista. Depois de um tempo sendo cabo, eu pude fazer o curso de sargento, na qualificação regular infante do exército. Eu fui fazer e eu estava fazendo também um curso madureza segundo ciclo, que era o científico, na época... O que aconteceu? Eu fui para a polícia do exército fazer um curso de sargento infante do exército e depois fazer o curso de especialização para a qualificação militar pessoal... A minha era paraquedista e a qualificação militar geral era infante. Mas eu já estava no Movimento Estudantil, já estava trabalhando com a rapaziada e fazendo parte do Partido Comunista.

Ana Mauad – Isso foi bem perto da época da ditadura...

Januário Garcia – Um pouco antes de 1964, eu tomei baixa do exército, porque eu não podia conciliar as minhas atividades políticas com o exército.

Ana Mauad – Nós sabemos que o movimento negro tem uma história longa, quando é que você se aproxima do movimento negro?



Imagem 3 – O fotógrafo Januário Garcia na entrevista pública realizada no fórum anual Uma agenda para a fotografia, em 12 de dezembro de 2019. Foto: Marina Marins. Acervo do LABHOI/UFF.

Januário Garcia – Eu era assistente de um fotógrafo chamado Georges Racz. O Georges revelava todos os meus filmes no seu estúdio... O Georges Racz é um dos grandes fotógrafos brasileiros, muito incrível. Um dia, eu fui buscar umas fotos e a secretária dele chegou para mim e disse: 'Olha, o George quer falar com você', eu falei: 'Fiz merda! O que ele quer falar comigo?'. Ele me disse: 'Vem cá, eu queria saber o seguinte: você aceitaria ser meu assistente?'. Era conforme o Sebastião Salgado chegar hoje para um fotógrafo da Maré e perguntar para ele assim: 'Você gostaria de ser meu assistente'. Era mais ou menos assim que era o Georges Racz. É claro que eu aceitei. Eu queria aprender e eu aprendi muito com ele... Ele me pediu para substituí-lo nas aulas de fotografia, no Museu de Arte Moderna, porque ele tinha outras coisas para fazer na época. Em um desses dias no MAM, eu estava com uma revista chamada *Ebony*, uma revista americana que eu tinha conseguido comprar. Essa revista trazia muita foto e muitos textos sobre a luta dos direitos civis nos Estados Unidos. Essa revista estava assim na mesa e um aluno, chamado José Ricardo, viu a revista e disse: 'Posso ver um bocado essa matéria?'. Ele viu e me perguntou: 'Você sabia que tem um grupo de negros se reunindo no Afro-Asiático, em Ipanema' [Centro de Estudos Afro-Asiáticos da Universidade Candido Mendes – CEAA/UCAM]. 'Não sabia, não'. 'Aparece lá, o grupo é toda sexta-feira'. Mas toda sexta-feira eu trabalhava n'O Globo...

Ana Mauad – *De freela?*

Januário Garcia – Sim, de *freela*. Todos os jornais e as revistas que já trabalhei foram como *freelancer*, para ter autonomia, e direcionamento sobre a questão racial, pois como empregado eu não poderia fazer... Eu fui no Afro-Asiático, em Ipanema, e encontrei um grupo que realmente estava começando a discutir bem a questão do racismo no Brasil e muitos amigos e companheiros nossos, inclusive tem um companheiro nosso aqui, Paulo Roberto, que eram dessa época... E José Ricardo chegou para mim e perguntou: 'O que você achou disso aqui?'. 'Eu achei isso aqui super interessante, mas eu acho que estamos começando uma história nova e a melhor coisa que eu posso fazer para contribuir é fotografar essa história'. Foi assim que eu comecei a fotografar o Movimento Negro.

Ana Mauad – Qual o ano, você sabe?

Januário Garcia – 1966, 1967, por aí... 1976, Paulinho? O Afro-Asiático...

Paulo Roberto – 1976 não, foi antes 1974...

Januário Garcia – 1974, 1975...

Ana Mauad – E começou a criar uma documentação?

Januário Garcia – Sim. Assim comecei a fotografar as reuniões, as datas, guardar os folhetos, os cartazes, as coisas de reunião, toda a documentação que eu podia guardar, porque eu sabia que era uma nova história.

Ana Mauad – E como é que você sentia a questão do preconceito racial dentro, por exemplo, da militância do Partido Comunista, a questão da raça e da classe, como vocês lidavam com essas questões...

Januário Garcia – Eu não era um ativista do Partido Comunista, eu era um simpatizante do Partido Comunista, mas também era um cara que contestava, porque a esquerda... Na realidade a esquerda e a direita nunca tiveram um compromisso com a questão racial no Brasil. Eles nunca tiveram compromisso até hoje. E ali muito mais, a esquerda dizia que quando houvesse a revolução do proletariado o racismo iria acabar... Tanto a esquerda quanto a direita, na questão racial, nunca se meteu nessa luta. Nós, negros, estamos por nossa conta nessa luta.

Marcus Oliveira – Eu queria fazer uma pergunta: como o senhor avalia a produção fotográfica das pessoas negras dentro do Brasil, dessa construção da cidadania das pessoas que são excluídas, que são tratadas como cidadãos de segunda classe?

Januário Garcia – Não sei se vocês perceberam aqui no meu trabalho, mas eu trabalho

com a questão fundamental da reconstrução da dignidade, do desenvolvimento da autoestima e da construção de cidadania plena... porque, de modo geral, nós, negros, temos uma cidadania relativa. A gente não tem uma cidadania plena na sociedade brasileira. Então, o meu trabalho visa, exatamente, essa reconstrução da autoestima, do resgate da dignidade e essa construção da cidadania plena... Porque quando você pega um jornal onde é que nós estamos? Ou nós estamos na página de *show*, de futebol ou de crime. Não existe outro lugar para a gente na imprensa. Na imprensa nós somos sempre vistos dessa forma. Por isso que eu trabalhei n' *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *O Dia*, *Última Hora*, *IstoÉ*, na Bloch, na *Manchete*, *Fatos & Fotos* e nunca quis que assinassem a minha carteira de trabalho. Eu sempre quis trabalhar como *freelancer*, porque eu poderia questionar fotos racistas publicadas pelo jornal e eu, como empregado, não poderia fazer isso. Em várias vezes discuti, briguei com o chefe de redação sobre determinadas fotos que publicaram, e muitos deles me diziam o seguinte: 'Sabe de uma coisa, a qualquer momento a gente não vai mais querer trabalhar com você.' Sabe o que dizia para eles? 'Duvido. Eu sou um fotógrafo bom para cacete, vocês não vão fazer isso comigo.' Eu dizia isso. Eu sabia do meu potencial... Eu sabia tranquilamente o que eu podia fazer e o que eu não podia fazer. E aí os caras aceitavam isso, também na publicidade. Eu lembro que a primeira vez que eu entrei em uma agência de publicidade foi em uma das maiores agências de publicidade do país. Eu fui para deixar meu portfólio e, quando deixei o meu portfólio, o rapaz me disse: 'Quarta-feira você retorna porque o diretor de arte faz a avaliação dos portfólios às terças-feiras.' Eu fui na quarta-feira seguinte. Quando eu estava entrando, estava saindo um outro fotógrafo, que era meu amigo, chamado Luís Garrido. Eu perguntei: 'E aí, Garrido? Entregou portfólio? Eu também entreguei.' 'Eles falaram que está tudo bem, qualquer coisa me chamam.' Quando eu perguntei sobre o meu portfólio o rapaz sorriu e disse 'Olha está com o diretor de criação. Eles querem conversar com você.' Aquele susto, né? Eu fui lá conversar com o diretor. Quando eu entrei naquela sala enorme de diretor da maior agência de publicidade do Rio, o maior diretor de criação do Brasil, aquela coisa que só agência de publicidade sabe fazer... Quando eu cheguei ele olhou para o meu portfólio assim, mais ou menos na mesa dele. Olhou assim para mim. Olhou para o portfólio. Olhou para mim e disse assim: 'Foi você que fez esse trabalho?.' Eu falei assim: 'Olha, eu vou te responder, mas eu posso te fazer uma pergunta antes? Se eu entrasse com uma bandeja de café aqui, você perguntaria se eu iria servir o café?' Quebrou ele e ficou aquele clima. Ele disse: 'Não, tudo bem...', e eu: 'Não fala nada não, porque quanto mais você falar pior vai ficar. Agora por que o meu portfólio está aqui?' 'A gente tem uma campanha para fazer e eu achei legal você fazer. Eu chamei você aqui para saber se você poderia fazer essa campanha.' Era uma empresa de tecidos que tinha no Brasil. Eles iriam fazer uma propaganda institucional de inverno. Era abril e a campanha era para junho ou julho... A história era a seguinte. Havia a chamada 'A roupa que saiu de moda para você é moda para muita gente' e aparecia uma garota com um casaco de pele, porém, era uma garota negra. Ele me perguntou: 'Você faz essa foto?', e eu disse

para ele: 'Eu faço?' 'Você pode produzir?' 'Eu posso.' 'Você pode arrumar esse modelo?' 'Eu posso porque eu tenho um produtor para fazer isso.' 'Vamos fazer essa foto?' 'Não, porque essa foto é racista! Vocês estão achando que essa garota aqui, rouba: 'Ou vocês me dão roupa de inverno ou eu vou roubar vocês'... O que vocês estão fazendo com essa garota aqui... Aí mandei brasa no discurso, assim bem bravo mesmo, e no final eu falei: 'Meu irmão, me dá o meu portfólio, porque não tem jeito, não. A cabeça de vocês é outra...' e fui embora. Passado uma semana ligaram para mim e eu fui lá na agência. 'O cara quer falar com você' e eu entrei na sala dele, 'e aí, tudo bem?', 'ah, tudo bem.' 'Você pode fazer essa foto aqui?' Era a propaganda de um produto: 'Claro que faço.' 'Quanto tempo?' 'Três dias, tudo bem?' 'Tudo bem, eu trago para vocês daqui a três dias.' Quando eu dei dois passos, ele me chamou: 'Januário, sabe aquela coisa?' Quase esquecendo... 'Aquela propaganda de inverno, a gente reuniu a agência inteira para ver a propaganda e realmente era uma coisa racista. Nós suspendemos a propaganda e não vamos fazer.' Eu respondi: 'Tudo bem.' Depois eu continuei trabalhando com a agência normalmente... Teve mais brigas. Quando a Gradiente estava lançando um computador, eles me pediram para fazer uma foto da seguinte maneira: era um microcomputador, com uma criança loira sentada assim no computador, e aqui assim, uma porção de crianças loirinhas dos olhos azuis.

[...] Eu já sabia que era provocação. E as crianças olhando esse daqui trabalhar, está assim 'Para a geração que vai mandar.'

Você vê... Eu não falei nada não, fiquei na minha... Macaco velho já. Eu fiz essa foto e outra... Eu tive um estúdio em Santa Tereza. Eu fui lá no Morro dos Prazeres, porque eu conhecia as pessoas, peguei uma quantidade de crianças que eu precisava. Produzi as crianças bem bonitinhas e fotografei exatamente como fotografei as outras crianças, e escrevi assim: 'Para a geração que vai revolucionar.' As duas fotos foram aceitas. A Gradiente lançou as duas. E foi isso, acabou o trabalho, acabou o contrato, mas ficou alguma coisa, porque muita gente que eu já fotografei vêm falar comigo: 'Foi bom você ter me fotografado, que consegui isso, consegui aquilo...'

Você sabe que chegou ao ponto que eu era do clube de criação do Rio de Janeiro, inclusive o clube de criação fez várias propagandas institucionais sobre a presença do negro na propaganda, várias vezes.

Silvana Louzada – E o que você está fazendo hoje?

Januário Garcia: Hoje eu estou fazendo o seguinte, o Júlio César e eu fizemos esse livro *Diásporas Africanas na América do Sul: uma ponte sobre o Atlântico* e chegamos até a costa do Pacífico. Há duas semanas, a gente começou a pensar a possibilidade de fazer o *Diásporas Africanas no Caribe: uma ponte sobre o Atlântico*. Esse é um detalhe, o outro detalhe é o meu acervo chamado *Documento Brasileiro de Matrizes Africanas*. Esse acervo conta hoje com mais ou menos umas sessenta mil fotografias e eu estou criando com a Mariza Hawa Soares, uma amiga minha, inclusive a pessoa que sempre produziu

os meus livros, o Instituto Januário Garcia de fotografia e documentos de Matrizes Africanas. Daqui a pouco eu vou morrer, mas o instituto vai ficar. Porque esse trabalho, eu acho que pertence à sociedade, é um trabalho que não pode ficar na minha casa. Se eu sair daqui agora e ir em casa tem um quarto enorme com pastas enormes, com fotos selecionadas, uma porção de coisas, que não são para estar ali. Elas são para estarem na rede, para todo mundo pesquisar, todo mundo usar, porque conta uma história bonita do movimento negro...

Marcus Oliveira – Eu queria agradecer o Januário por essa entrevista e a todos pela presença.



Imagem 4 – Participantes da entrevista pública realizada no fórum anual *Uma agenda para a fotografia* em 12 de dezembro de 2019. Foto: Luiz Baltar. Acervo do LABHOI/UFF.

Referências

BISPO, Vilma Neres. *Trajetórias e olhares não convexos das (foto)escre(vivências): condições de atuação e de (auto)representação de fotógrafas negras e de fotógrafos negros contemporâneos*. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais) – Cefet, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, RJ, 2016.

KNAUSS, Paulo. No domínio dos acervos: História e as práticas do olhar. *Revista Maracanan*,

Rio de Janeiro, v. 12, n. 14, p. 12-24, 2016.

MAUAD, Ana Maria. *Sobre as imagens na História, um balanço de conceitos e perspectivas*. Revista Maracanan, Rio de Janeiro, v. 12, n. 14, p. 33-48, 2016.

Fontes orais

GARCIA, Januário (1943-2021). [dez. 2019]. Entrevista pública. Rio de Janeiro, RJ. 12 dez. 2019.

Recebido em 12/08/2021.

Aprovado em 30/08/2021.

Fonte de financiamento: nada a declarar.

Conflitos de interesse: nada a declarar.